TL3538

A inserção dos reinos, após a desagregação das suas estruturas, no sistema colonial traz consequentemente o fim das contradições que existiram entre eles.

Assim, as fronteiras culturais que existiram no passado e separaram entre si os diferentes reinos tendem também ao desaparecimento embora o nível cultural das diversas comunidades possa ser sensivelmente o mesmo. Numa endosmose cultural processa-se o encontro das particularidades próprias das várias culturas produzidas quer no passado quer na nova etapa histórica.

Neste período, as principais produções culturais dos Povos colonizados são a expressão do sofrimento e de lamento pela desagregação das suas equisições históricas, de percepção e compenetração colectivas da vivência material cada vez mais difícil e do renascer empírico de uma esperança de dias futuros mais felizes.

Esta esperança é vivida, sentida e pulsa no íntimo dos povos. Ela manifesta-se sob várias formas e a sua percepção torna-se difícil se não mesmo impossível por todos quantos habitam um universo diferente e a encaram também de um modo diferente. É por isso que para muitas pessoas, as manifestações culturais dos Povos colonizados durante a ocupação colonial não passam da repetição de gestos manótonos ou fórmulas petrificadas, rigificadas resultantes de uma ausência de renovação.

Em Timor-Leste, durante a ocupação colonial, pudemos aperceber-nos de, entre as várias danças guerreiras - TEBEDAI - executadas ao ritmo de gongs de diferentes sons e BOBODOKS (tambores) de diferentes timbres, uma dança tan-tan que para muitos era mais um tan-tan, mas, afinal, era o "MALAE BUTI LAO TE" - - "Ó colonizador vai-te embora".

Dir-se-ia que o Tebedai é uma dança monótona e

sem variação, uma dança cujo ritmo e harmonia musical muitas vezes dissonante rapidamente faz cansar a vista e os ouvidos do espectador, se não fosse a existência de algo mais... é a criação cultural de um Povo dominado cujo sangue ainda ferve nas veias e cuja determinação na luta jamais cessa. Ao executá-lo, os povos dominados rasgam o seu horizonte de incertezas e confiam no seu futuro.

Estas manifestações novas do querer e sentir generalizado dificilmente chegam ao conhecimento do colonizador. De facto, as massas colonizadas apercebem-se de que o novo canto, a nova poesia, o novo ritual de despedida agora usado quando os seus filhos são recrutados e deportados para longe (plantações, estradas) devem ser praticados na clandestinidade. Esta cultura que é a expressão de um Povo, forçado a viver na clandestinidade vai-se consolidando e alargando no caminho da sua fuga por montes e vales, refugia-se aqui e ali nos knuas mais recônditos, é irradiada e fermenta-se no pensamento dos Povos.

Outro exemplo da tradução fiel da nova cultura ou cultura de um Povo sob dominação colonial é a seguite poesia de canto de Timor. A alusão que faz à pobreza causada pelo terreno hostil ao cultivo do bétel e da areca que são ingredientes para a masca e que aqui é o símbolo dos produtos alimentares, remonta-nos à época em que o Povo foi obrigado a abandonar as suas terras a favor dos dominadores. A mesma poesia refere-se, em resumo, às principais carências que afectam um Povo colonizado: ausência de terra, de habitação, de saúde e de vestuário.

1. Nós os pobres moramos em terrenos pedregosos
   Plantamos o bétel e não germina
   Plantamos a areca e não dá rebentos!

2. Nós os pobres vivemos nos beirais
   Quando erguemos os olhos caem-nos lágrimas
   Tal como as gotas de chuva que caem dos beirais!

3. Nós os pobres procuramos caminhar pelos relevos velhos
   Se caminharmos pelos píncaros das serras
   O vento sopra-nos para muito longe!

4. Nós os pobres só temos um "tais" (traje timor)
   Com ele nos cobrimos à noite
   E com ele nos cingimos de dia!

As aquisições culturais de uma comunidade são agora transmitidas às outras processo sem saltos nem choques pois a convivência conjunta efectuada numa relação de igualdade dominado/dominado, pouco a pouco, fará nascer uma consciência colectiva ainda que difusa.

Esta consciência colectiva surgida do nivelamento ou redução à mesma categoria das comunidades existentes no território colonizado é o prelúdio do surgimento da consciência de unidade nacional tanto mais desenvolvida quanto maior for a luta desencadeada contra o poder colonial.